

## Santo Antônio dos Anjos da Laguna

Norberto Ulysséa Ungaretti

*Palestra proferida na Sociedade Cultural  
"Joaquim Nabuco",  
em sessão de 6 de junho de 1956, em Florianópolis.*

Sr. Presidente.

Caros Colegas:

Será o meu prezado amigo, acadêmico Ettore Zoccolli, Presidente da Sociedade Cultural "Joaquim Nabuco", o responsável maior pelo que de inexpressivo e desinteressante se contiver neste trabalho.

Foram o seu convite e a insistência com que posteriormente o reiterou que me levaram à elaboração das presentes notas, com as quais trago a essas brilhantes tertúlias culturais que aqui se realizam, o subsídio da minha modesta colaboração.

Já dizia o poeta: "todos cantam a sua terra; também vou cantar a minha".

E eu o imitarei, nesse prazer de acentuado sabor sentimental, trazendo à vossa familiaridade uma das tradições mais caras da minha terra: a

tradição religiosa, centralizada pela figura do seu Padroeiro, Santo Antônio dos Anjos da Laguna.

Conto, é certo, com a vossa generosidade e a vossa tolerância. Não fôra a antecipada certeza de que as tereis para comigo, e não me teria aventurado a roubar o vosso tempo, dada, a circunstância de que me falta o brilhantismo com que costumais ilustrar os trabalhos desta Casa.

Laguna, senhor presidente e caros colegas, é, antes de mais nada, uma cidade cheia de tradições.

Ali, quase tôdas as coisas são pedaços vivos da história e as lembranças, as reminiscências, as evocações que provocam, exercem, sôbre o espírito do lagunense, fascínio tal, que chegam a provocar nêle indisfarçável sentimento de ufanía.

Muitos atribuem a êsse culto do passado, a êsse amor das tradições, o relativo atraso material em que se

encontra a velha cidade.

Nada mais falso, entretanto, pois a relação é nula entre uma e outra coisa.

Basta citar o exemplo da Inglaterra, que, sendo o país mais conservador e mais tradicional do mundo, ocupa, como sempre ocupou, posição de excepcional relêvo no concêrto das nações, tendo aco-lhido tôdas as conquistas do progresso e muitas vêzes desempenhando, na sua realização, papel de liderança.

É necessário, aliás, que se elucide o povo sôbre o alto sentido das tradições.

Elas não são, como a muitos parece, o exagerado apêgo às velharias, o enraizamento de usos e costumes que o progresso aboliu, a adoção de preconceitos que já se não admitem, a persistência no “modus vivendi” de antanho ou a rejeição de salutareas idéias novas.

Elas atuam, antes, num plano muito mais elevado, porque representam o patrimônio moral dos povos e consagram os caracteres padrões da sua formação, para transmití-los, como herança de cultura, às gerações que se sucedem.

Nunca se viu tradição obstaculizar o progresso.

Quando isto parece acontecer, uma é a verdadeira de duas alterna-

tivas: não é tradição ou não é progresso.

O resto é iconoclastia ou ignorância.

Laguna vai comemorar, por entre excepcionais manifestações de fé religiosa, o dia 13 de junho, que assinala, no calendário católico, a festa de Santo Antônio.

O estudioso que, percorrendo a história da legendária cidade, procurar estabelecer as relações existentes entre a devoção de Santo Antônio e a vida da Laguna, encontrará material suficiente para a elaboração de interessante trabalho.

O Brasil, nascido sob o signo da fé, tem sofrido, no processo da sua evolução histórica, profunda influência do sentimento religioso dos que o descobriram e colonizaram.

A própria frota de Capital não deixou as terras portuguesas, sem que, antes, se houvessem celebrado, em intenção do seu bom êxito, imponentes cerimônias religiosas, que eram como que a benção de Deus ao espírito ousado e conquistador dos homens.

E o nome com que de início se batizou a terra descoberta, evocativo da Santa Cruz, representa a primeira floração do sentimento religioso, que haveria, depois, de acompanhar a formação da Pátria, inculcando-lhe

êsse profundo sentido cristão que é o corolário das nossas tradições mais caras.

A fé que ergueu o excelso monumento da Cruz e fêz levantarem-se, para os céus do Brasil, as mãos cansadas de Frei Henrique de Coimbra, na celebração da Primeira Missa, foi a mesma que inspirou a magnífica obra apostolar dos jesuitas, cujo trabalho se constituiu numa das mais belas e comovedoras páginas da nacionalidade.

A fé, portanto, a fé heróica de Paulo de Tarso, a fé simples do apóstolo Pedro, a fé consoladora de Francisco de Assis, a fé iluminada de Santo Agostinho, a fé dinâmica de Anchieta, a fé raciocinada de Tomás de Aquino, a fé mística de Antônio de Pádua, a fé miraculosa que o Cristo ensinou aos homens, estava presente quando nasceu o Brasil.

Nada mais natural, nada mais justo, nada mais compreensível, pois, do que a influência dêsse sentimento na organização da nossa vida, a começar pela nomenclatura dos acidentes geográficos que se foram descobrindo e dos núcleos populacionais que se foram fundando.

Cada lugar do território imenso onde se fixava um grupo de homens e mulheres, para empreenderem o

trabalho heróico do desbravamento e da colonização, era desde logo colocado sob o patronato de um Santo, cuja invocação passava a constituir o ponto alto da fé religiosa dos habitantes.

Na Capela, que era, senão a primeira, uma das primeiras edificações que se faziam, entronizava-se, de imediato, a imagem do padroeiro.

E o altar-mór, em que ela ficava colocada, laboriosamente construído pelos artistas inimitáveis que lavraram, na madeira virgem da terra nova, os magníficos poemas da sua fé, passava a constituir o centro vital da cidade que nascia.

Centro vital, sim, porque ali vinham os pioneiros cantar os seus louvores e chorar os seus pesares; era ali que se uniam os casais, selando o pacto de fidelidade e de amor que o matrimônio consubstancia, cumprindo a determinação evangélica do “crescei e multiplicai-vos” e garantindo, pela continuidade biológica, a continuidade do trabalho na dádiosa terra que o Senhor lhes concedera; era ali, no silêncio austero do templo e sob a pálida claridade da chama votiva, que vinham os colonizadores, após um dia de fecundo labor, quando, ao descambar do sol, se estendia sôbre o casario a voz enternecedora dos sinos, entabolar

com o Alto os diálogos simples da sua fé, materializados na prece que o coração lhes ditava; era ali que vinham todos, na Missa dominical, pedir a Deus pela tranquilidade dos lares, pelo vigor da saúde, pela fatura do pão, pelo êxito dos empreendimentos, pela felicidade da Pátria distante e pelo futuro glorioso da Pátria nascente; e era ainda dali que partiam os que iriam demandar outros pedaços do território inculto, dispostos a ignorar os sacrifícios no heroísmo do seu ideal, que outro não era serão legar-nos essa Pátria gigantesca em que tivemos a ventura de nascer.

Assim viviam êles, divididos entre a saudade e a esperança, entre o amor da Terra e o amor do Céu; multiplicados na solidariedade e no trabalho, na vontade férrea e no idealismo palpitante.

---

Laguna, meus caros colegas, foi plantada à beira do Atlântico, em avançado ponto meridional do Brasil, por essas figuras heróicas que acabo de evocar. Fundou-a um bandeirante, um daquêles a quem Bilac chamou, em página de ouro da poesia brasileira, “violadores de sertões, plantadores de cidades”. Era pelos fins do século XVII quando Do-

mingos de Brito Peixoto lançou as bases da povoação que, inspiradamente, denominou: “Santo Antônio dos Anjos da Laguna”.

Por que Santo Antônio dos Anjos? Não sabemos. Nem procuramos saber, pelo receio, talvez, de que o resultado da pesquisa viesse quebrar o encanto poético das lendas que em tórno floresceram.

O fato é que a Laguna já nasceu sob a invocação do grande taumaturgo. Nasceu sob ela e de tal maneira ligada a ela tem vivido, que estaria incompleto qualquer trabalho histórico sôbre a Laguna se nêle não se mencionasse Santo Antônio.

No próprio braço da cidade, onde se inscreveu, orgulhosamente, a legenda “Ad meridiem Brasiliam duxi - Para o sul levei o Brasil”, vemos colocada ao alto a affigie do padroeiro glorioso.

E a Irmandade de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, veneranda Confraria religiosa, das mais antigas do Brasil, data de 1753, tendo comemorado há pouco, festiva e solenemente, o seu Bi-Centenário de existência.

Na velha Igreja Matriz da minha terra, construída segundo o bom estilo arquitetônico colonial, e cujos altares, esculpidos em madeira, são verdadeiras preciosidades

artísticas, o visitante encontrará, por trás do vidro do altar-mor, a belíssima imagem do Padroeiro, em torno da qual a alma simples e boa daquela gente já teceu a encantadora teia das lendas.

É uma imagem impressionante.

Os olhos parece que falam e a fisionomia reveste expressão indefinida, austera e suave, enérgica e bondosa, enigmática e complacente.

A mão direita, lançando-se para a frente, empunha uma cruz. A mão esquerda segura um livro sobre o qual se encontra pequenina imagem de Jesus Menino. A simbologia é evidente e expressiva. A cruz é a poderosa arma dos Santos, e ali está como o símbolo do seu poder e como o instrumento com que êle trabalha as almas e luta pela sua conquista. A imagem do pequeno filho de Maria deve representar o objeto sagrado de todos os carinhos do grande Santo, porisso que êle a tem de encontro ao coração. E o livro? Que pode ser o livro? Deve, certamente, ser a orgulhosa sabedoria dos homens esmagada pelo infinito poder do Senhor.

Todos os anos, a 1º de junho, têm início as novenas (assim vulgarmente chamadas, mas que, ao certo, são trezenas), que se prolongam até o dia 13, quando se realiza a imponente e

tradicional procissão.

Essas novenas exercem, sobre todo lagunense, forte poder evocativo e fazem reviver, na memória e no coração de cada um, velhas lembranças, pessoas e coisas que o tempo já levou para o triste museu de cêra do passado. Porque todos nós, lagunenses, temos na nossa vida um pedaço das novenas de Santo Antônio e nas novenas de Santo Antônio um pouco da nossa vida.

As novenas, compostas especialmente para a celebração antonina, e ao fim das quais se ouve o Hino de Santo Antônio”, bela página de música sacra, de compositor lagunense, levam ao venerando templo numerosa assistência, entre a qual se incluem mesmo pessoas que não professam o culto católico.

Cada ano são eleitos, pela Mesa Administrativa da Irmandade, um Juiz e uma Juiza para presidirem às festas. A escolha é feita em sigilo e mesmo disputada.

No dia 12, à noite, faz-se a trasladoção da milagrosa Imagem, sendo que a feérica iluminação das casas situadas ao longo do trajeto e a abundante queima de fogos de artifício, associadas ao estrepitoso apitar dos navios de emprêsas lagunenses que se vêm postar no cáis da “Paixão” para saudar a passagem do

cortejo, oferecem um espetáculo que causa, a quantos assistem a êle, funda impressão, pela extraordinária manifestação de fé que representa.

No dia imediato, 13, realiza-se, às 10 horas, a Missa Solene, durante a qual são feitas as imponentes cerimônias da tomada de posse da nova Mesa Administrativa da Irmandade e admissão de novos Irmãos. O Sermão comemorativo é proferido, geralmente, por um orador sacro especialmente convidado.

À tarde sai a procissão, que percorre as principais ruas da cidade, recolhendo-se, depois, à Igreja, onde se realiza, à noite, a última novena, com o que se encerram as festividades.

O andor recebe bela e artística ornamentação, sendo precedido pelo Juiz e a Juíza e acompanhado lateralmente pelos membros da Irmandade, tendo à frente o Provedor, que empunha o secular bastão de prata, símbolo de sua autoridade.

À época das festas é grande o número de lagunenses que residem fora e vêm à sua terra participar das mesmas.

---

O Santo, dizem, é casamenteiro.

A êsse respeito existem crenças interessantes, como, por exemplo, a

de que na casa a cuja frente parar o andor de Santo Antônio (pois a imagem é pesada e os que a carregam param freqüentemente para descansar), se realizará, breve, um casamento. Também com promessa ou realização de casamento se relaciona o comparecimento a tôdas as novenas.

Saul Ulysséa, em seu livro "A Laguna de 1880", refere o fato de que algumas pessoas chegavam a amarrar pequenas imagens de Santo Antônio e deixá-la dependuradas em um poço, na plena convicção de que essa prática, desrespeitosa e até profanadora, atrairia casamento.

Muitos são os milagres atribuídos à imagem de Santo Antônio dos Anjos da Laguna.

Contam-se, a respeito, numerosos casos, que muitas pessoas, principalmente as mais antigas, asseveraram serem verdadeiros.

Daremos, a título de ilustração, um exemplo:

Como devem saber os prezados colegas, Laguna debate-se, desde muitos anos, com o angustioso problema da sua barra. Cidade marítima que é, vive em função do pôrto, já que as atividades industriais e agrícolas são, ali, de pouco vulto. Só agora, ao que parece, se processa uma dragagem que virá trazer solu-

ção definitiva ao caso. E, como é fácil de se compreender, sempre foi muito grande a preocupação dos lagunenses pelo bom estado da sua barra e do seu pôrto. Conta-se, a respeito, que, certa vez, tendo-se avolumado determinado banco de areia de maneira tal que não permitia, sequer, a passagem de barcos de pequeno calado, alguém pediu a Santo Antônio que auxiliasse os navios presos no pôrto em vista daquela situação. No dia imediato, segundo dizem, o banco desapareceu por completo. E pela manhã encontraram a Igreja com pegadas de areia, desde a entrada ao altar-mór; e os pés da imagem estavam também sujos de areia. Operara-se o milagre salvador, e mais êsse outro, que o comprovava.

Muitos outros fatos são referidos. A sua narrativa, entretanto, só viria fatigar os colegas que tão generosamente me ouvem.

É isso o que vos posso dizer sôbre o Santo Antônio dos Anjos da Laguna, tema que escolhi, por achá-lo interessante e oportuno nesta época junina, para atender ao generoso convite com que me honrara o presidente da Sociedade Cultural “Joaquim Nabuco”.

Bairrista fervoroso que sou e cantador incansável das coisas da minha terra, falei-vos com o coração muito mais do que com o cérebro.

E é com o coração que desejo vos proteja o glorioso Padroeiro da Laguna, a cujos pés se têm quedado, genuflexas e respeitosas, as sucessivas gerações de lagunenses.

Tenho dito.

IMPRESSO  
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA



**IOESC**  
IMPRESA OFICIAL DO ESTADO  
DE SANTA CATARINA

Florianópolis

74677